

DA PRODUÇÃO À DESCOBERTA: BUSCANDO O IMPACTO SOCIAL DAS PUBLICAÇÕES

Os editores científicos trabalhamos desde profundamente a partir da disciplina que representamos. Compartilhamos desafios que, muitas vezes, são dificilmente socializáveis com nossos principais clientes: os autores e leitores. Contudo, nos últimos anos vivemos de uma forma um pouco obsessiva, uma preocupação comum: a repercussão bibliométrica de nossos periódicos. Temos contado citações, entendendo que isto serve muito mais do que orientar os bibliotecários em suas políticas de aquisição de periódicos. Essa circunstância é favorecida pelos sistemas de avaliação do conhecimento; que, especialmente no Espaço Científico Ibero-americano (ECI), estão dominados pelo Fator de Impacto, o qual é um indicador de repercussão dos periódicos que, paradoxalmente e contra a opinião dos próprios cientistas, está sendo utilizado para avaliar com pretensão de objetividade, a qualidade dos artigos.¹ Algo que objetivamente não pode ser feito.

A realidade é que os países mais competitivos utilizam critérios diferentes tanto na perspectiva científica quanto tecnológica. Seu modelo está baseado na avaliação do impacto social do conhecimento, embora apóiem os maiores valores bibliométricos em suas publicações. A questão a ser elucidada é saber se o que faz avançar é o índice de impacto ou este é somente um reflexo natural do seu modelo de pensar a ciência. Dito de outra forma, o que vem antes: o Fator de Impacto ou a pesquisa relevante? Qual a causa e qual o efeito? O certo é que enquanto uns contam publicações, outros contam descobertas. E isto não é a mesma coisa.

Há algumas décadas produziu-se uma espécie de paixão bibliométrica.² A ideia de que contando citações poder-se-ia chegar a identificar as melhores trajetórias pesquisadas era muito sedutora e econômica, pois não seria preciso ler os artigos para determinar seu grau de excelência. Era suficiente saber que foram publicados em jornais muito citados (embora os artigos não recebessem citações). O sistema acabou com a felicidade de muitos editores, que viram incrementar notavelmente a demanda por publicar em suas revistas, o que se traduziu posteriormente em um modelo alternativo de financiamento muito mais rentável e seguro. Já não pagam os que consomem informação (subscritores) senão quem a produz (potenciais autores desesperados pela necessidade de publicar e dispostos a custear tudo: traduções, taxas editoriais e até a aquisição do seu próprio produto). Talvez o comportamento de alguns editores não esteja apresentando um resultado edificante.

Entre 2008 e 2010, alguns dos países mais influentes no panorama científico, dentre eles os Estados Unidos, a Alemanha e o Reino Unido, observam com frieza o modelo de avaliação bibliométrica e substituem a contagem de citações (Fator de Impacto) por modelos alternativos que colocam ênfase na avaliação qualitativa das publicações.³ A qualidade deve determinar de uma forma diferente, com maior ênfase no impacto social do conhecimento. Hoje assistimos a convivência de dois modelos, de certa forma antagônicos, de avaliação do conhecimento: o que conta publicações e o que valoriza descobertas. Ambos exibem resultados diferentes e podem identificar espaços científico-culturais diferentes.

No caso do ECI, ele domina a contagem de publicações (publicar ou morrer), sob a ideia de que o maior número de citações indica maior impacto bibliométrico. O caso brasileiro é emblemático nesse sentido. A CAPES, com seu critério Qualis para classificar os periódicos, parece direcionar aos pesquisadores a mensagem de que procurem publicar em periódicos de alto impacto custe o que custar, como se as descobertas não fizessem parte de seu trabalho. A mesma situação acontece na Espanha, onde a falta de compromisso econômico e político com a pesquisa tem dado lugar a um sistema altamente burocratizado, dificilmente financiável e deficientemente gestado, que delega aos pesquisadores, a responsabilidade de produzir sem uma sólida estrutura que propicie sustentação à pesquisa.⁴ Ainda assim, o Qualis brasileiro é provavelmente um dos sistemas menos lesivos do ECI, pois considera os periódicos menos valorizados e que ficam de fora dos mais influentes dos *rankings* bibliométricos.⁵

A preocupação pelo impacto social é própria dos sistemas mais avançados, como o britânico, que avalia a qualidade da pesquisa universitária através da *Research Assessment Exercise* (RAE): avaliam qualitativamente os quatro melhores artigos de cada pesquisador baseado em três dimensões: *outputs*, *impact*, *environment*. O impacto se determina em função de sua repercussão social, econômica e cultural. O sucesso do sistema britânico tem seduzido outros países que também têm adotado o modelo de *case studies*, como Itália, Alemanha ou Austrália (e recentemente a Espanha). Seria pertinente aceitar que também os países do ECI terminarão adotando o modelo qualitativo de avaliação de descobertas, ao invés de continuar pensando que a contagem de publicações responde à uma tendência global.

No caso particular da Enfermagem, como ciência aplicada, o modelo alternativo resulta muito mais favorável aos interesses disciplinares, pois considera o mais apropriado: os efeitos da proximidade com o cidadão. O certo é que, comparativamente à infraestrutura editorial, a enfermagem e suas publicações geram escasso impacto bibliométrico, sendo uma das áreas tradicionalmente invisibilizadas pelos grandes recursos documentais da ciência. Porém, poucas disciplinas têm a capacidade de transferência da Enfermagem, cujo conhecimento gera-se nas relações de proximidade com o paciente; desta forma; a repercussão social é inerente ao ato de pesquisar.

Olhando o que está por vir, o mais apropriado seria começar a realizar um estudo pedagógico sobre os valores emergentes na ciência e na avaliação do conhecimento, assim como os efeitos que vão ter sobre as publicações. Os jovens talentos ainda estão em tempo de dirigir a forma que devem governar-se em um cenário onde a competitividade não deixe lugar ao acúmulo indiscriminado de publicações. Urge educar sobre como não se converter-se em predadores do conhecimento (calculadores precisos do rendimento individual), para passar a educar nos valores que adornam o ~~ao~~ pesquisador ~~vocacional~~ profissional (aquele que compartilha conhecimento para ~~aportar~~ fornecer soluções à sociedade). Conhecemos bem as estratégias para publicar em revistas com alto impacto, mas, agora, deve-se aprender sobre a transferência e como fazer com que nossas publicações sirvam para algo: ou seja, que sejam utilizadas em guias de boas práticas ou em documentos de consenso profissional; que influenciem os planos de saúde, em planos estratégicos, em políticas de saúde; inclusive que sejam reconhecidas pela sociedade, aparecendo citadas em meios de comunicação. É possível que o caminho da imposição tenha dado alguns frutos, mas ~~agora~~ devemos cultivar nossa reputação como autores, demonstrando nossa postura ao respeito da atividade social da ciência.

Seria desejável que os líderes enfermeiros renunciassem à abominável propensão à obediência: “sim, sim, tudo está muito bem, mas ao final o que conta é o que conta”, é a frase que mais ouço quando tento discutir com sensatez sobre este assunto. Por mais que alguns se empenhem em sonhar com uma Enfermagem uniforme e unívoca, de corte anglo-saxão, e situada nos degraus da ciência com letras maiúsculas. O certo é que a imensa maioria de enfermeiras continuarão trabalhando, de forma consciente ou não, sob o axioma de que a Enfermagem se constrói como disciplina, dependendo dos processos naturais de gestão do conhecimento. Ou seja, no mesmo idioma de comunicação com seus pacientes (o que não tira o valor às tentativas de traduzir para outros idiomas⁶), utilizando preferencialmente suportes de acesso livre para favorecer a sua universalização, abordando os problemas de pesquisa ~~desde~~ do diverso universo ~~no~~ em que a Enfermagem se move como ciência, globalizando o conhecimento local (que vive ancorado no cotidiano de cada sujeito). No ECI existem suficientes expressões de rebeldia como para assegurarmos que isto ocorre deste modo (SciELO e os recursos BIREME, Cuiden e os recursos da Fundação Index, dentre outros).

Na pedagogia que propomos, sobre o impacto social da Enfermagem como ciência, necessitamos estabelecer sólidas alianças entre quem adota posturas de liderança dentro da disciplina (editores, acadêmicos, pesquisadores). ~~Só desde~~ Somente a partir do diálogo e ~~desde~~ do espírito crítico é possível fortalecer a postura da Enfermagem no panorama da ciência e do conhecimento. Sob o lema “Um conhecimento para a humanidade”, iniciativas como DEGRA (<http://www.index-f.com/declaracion/>); resultam emblemáticas neste sentido, pois seguindo a escala de movimentos críticos como a Declaração de São Francisco (DORA), promovem a tomada de posição sobre os valores que devem ~~de~~ reger a promoção do conhecimento do enfermeiro.⁷ Convidamos a conhecê-la e subscrevê-la. Não é sensato pensar que no ECI, nos próximos anos, tudo seguirá igual. As mudanças do propósito do conhecimento seguirão as ~~pautas~~ diretrizes que se aplicam a ~~regem para um~~ todos: maior democratização, maior presença cidadã, maior capacidade de tomada de decisão. Estamos nos preparando?

Manuel Amezcua

Doutor em Ciências Sócio-sanitárias. Presidente da Fundação Index. Professor da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Granada, Espanha.

REFERÊNCIAS

1. Rossner M, Van Epps H, Hill E. Show me the data. *J Cell Biol.* 2007 Dec 17;179(6):1091-2.
2. Camí J. Impactolatria: diagnóstico y tratamiento. *Med Clin.* 1997; 109(13):515-24.
3. Amezcua M. Controversias en la evaluación del conocimiento: alegatos a propósito de una ciencia aplicada. *Index Enferm.* 2011; 20(1-2):7-11.
4. Rodríguez-Navarro A. Sound research, unimportant discoveries: research, universities, and formal evaluation of research in Spain. *J Am Soc Inf Sci Technol.* 2009; 60(9):1845-58.
5. Erdmann AL, Marziale MHP, Pedreira MLG, Lana FCF, Pagliuca LMF, Padilha MI, et al. Evaluation of scientific periodicals and the brazilian production of nursing articles. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2009; 17(3):403-9.
6. Padilha MI, Brüggemann O, Costa R, Silva DMGV, Vargas MA, Andrade SR, et al. Internationalization of knowledge and the enhancement of the quality and visibility of scientific brazilian journals. *Text Context Enferm* [online]. 2014 [acess 2015 May 25], 23(3):515-9. Disponible en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000300517&lng=en&nrm=iso&tlng=en
7. Reina Leal LM, Amezcua M, Red Internacional de Centros Colaboradores de la Fundación Index. Comentarios a DEGRA - Declaración de Granada sobre conocimiento enfermero. *Index Enferm.* 2013; 22(4):246-7.